

Economia estável não assusta, diz Tápias

Brasil

Presidente da Febraban diz não ser necessária para o setor uma estratégia contra o fim da inflação, "uma vez que a estabilização da economia é boa e esperada"

A estabilização é esperada e boa, diz o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Alcides Lopes Tápias. Por isso, os bancos não têm uma estratégia de defesa contra o fim da inflação. Isso é esperado desde o Plano Cruzado, assegura Tápias. "Planos de contingência são para adaptar-se a uma situação inesperada e ruim, mas nós não consideramos a estabilização nem inesperada nem ruim." No primeiro momento, os bancos terão prejuízo, mas ele será muito menor do que após o Cruzado, admite Tápias em entrevista a Fábio Pahim Júnior.

Estado — Como os bancos deverão ajustar-se a um cenário de inflação baixa?

Alcides Tápias — Desde o Plano Cruzado os bancos promovem ajustes em suas estruturas e na maneira de administrar a atividade bancária. O contingente de pessoal foi reduzido de 900 mil em 86 para 674 mil hoje — com redução de 230 mil empregados. Isso foi combinado com treinamento intensivo para melhorar a produtividade e investimento maciço em informática e comunicações para permitir automação. Estamos investindo US\$ 3 bilhões este ano depois de três anos com investimentos de US\$ 2 bilhões anuais. A migração de processos de trabalho para a informática já vinha ocorrendo desde 1981 e 1982, em direção ao conceito de banco eletrônico, do cliente do banco e não de uma só agência. Mas a velocidade dessa adaptação foi prejudicada

durante muito tempo pela reserva de mercado na eletrônica, ao contrário do que ocorre hoje. Não obstante a diminuição expressiva do pessoal, as operações e a oferta de serviços financeiros continuam a crescer, para defender o dinheiro do cliente da inflação.

Estado — Mas haverá uma adaptação...

Tápias — A adaptação não será significativa, em face de todo o trabalho já desenvolvido. A parte mercadológica é que vai sofrer maiores alterações. Em vez de proteção da inflação, vamos oferecer outros serviços bancários, a ser usados pela clientela a partir de sua casa, ou seja, o home banking. A demanda por crédito será muito maior. O Brasil é um dos poucos países onde grande parte das vendas de veículos é feita à vista. Por que? Porque com inflação não há linhas de crédito.

Estado — O sistema bancário tem planos de contingência?

Tápias — Nós entendemos que, por definição, plano de contingência é para adaptar-se a uma situação inesperada e ruim. Não consideramos a estabilização nem inesperada nem

ruim. Ela é esperada e boa.

Estado — No Brasil, a rentabilidade média dos bancos é próxima dos 10% ao ano, enquanto no Exterior, onde a inflação é baixíssima, em 1992 ela foi de 5,3% para os cem maiores bancos. A rentabilidade não seria alta aqui?

Tápias — O nível de rentabilidade que se pode esperar é resultante de



Alcides Tápias: "Desde o Plano Cruzado os bancos promovem ajustes em suas estruturas"

vários fatores, mas principalmente do risco. No Brasil, a taxa de risco político tem sido elevada, pois já tivemos cinco planos econômicos que

congelaram preços, invadiram contratos e causaram transtornos à economia. Os bancos no Exterior são afetados por recessão, tabelamento

de juros — caso do Japão —, ou por adaptações a uma comunidade econômica — caso da Europa.

Estado — Um plano não se asse-

melha a um grande problema, como o enfrentado pelas Savings & Loans, sociedades de crédito imobiliário dos Estados Unidos, que faliram por causa da alta dos juros internos e má administração?

Tápias — Esse é o risco do negócio. Cabe ao administrador prever. Se o banco sofreu é porque concentrou sua operação numa área só. É muito diferente de uma lei que vem do governo, estipulando mudanças. A lucratividade embute o calote que o governo deu na dívida pública. Na medida em que o Brasil caminha para a estabilidade econômica, os padrões vão aproximar-se. Talvez se considere que 10% de rentabilidade é excelente.

Estado — Mas o lucro médio no Exterior é menor...

Tápias — Grandes bancos têm rentabilidade de 10%. Os bancos japoneses desequilibram os números. Lá, o juro é tabelado e só este ano o governo começou a desregularizar. A baixa rentabilidade dos bancos japoneses vem de uma concorrência predatória. No Brasil, o governo é o grande demandante de poupança para financiar seus déficits. Isto cria um desequilíbrio de taxas. O governo puxa as taxas. Do ponto de vista de um mercado equilibrado, há concentração na demanda que centraliza o processo de concorrência. Ela estabelece o piso mínimo de juros. O juro é alto. A partir do momento que o governo não demande tanto dinheiro, a taxa de juros pode cair — mantido o nível de disponibilidade de recursos. Hoje, o mercado é distorcido.

Estado — Mas o peso do sistema financeiro no PIB é superior ao de outros países.

Tápias — Esse peso já foi maior, chegou a 24,1% do PIB em 1989 e foi de 9,3% em 92.

Denise Camargo/AE

"No PRINCÍPIO, OS BANCOS VÃO TER PREJUÍZO, PORÉM MENOR DO QUE NO CRUZADO"